



Duo perfeito

Foi o de Benedito Lacerda e Pixinguinha. A ordem nos discos é essa: primeiro a flauta, mais nobre e antiga, depois o saxofone, jovem plebeu. A dupla chega ao CD, com o relançamento de antigo álbum da RCA Victor, de 1966, com doze pérolas do choro.

A primeira nota é do sax, aquela nota longa que inicia *André do sapato novo*. O choro, vocês conhecem, é movimentado; a nota não: é longa, solitária. Talvez seja o apito do trem da Central que anuncia a chegada de André (Victor Correia). É um ré grave de expectativas. O som de Pixinguinha é lindo. Desconfio (não me pergunte por quê) que seu tenor era aquele afinado em dó mesmo, chamado *tenor melody*, o mesmo de Lester Young (o sax tenor mais comum tem afinação em si bemol).

Portanto aquele primeiro ré, amplo, corajoso, sem vibrato, com a pegada certa para um ré grave, já anuncia um músico experiente no comando. O que logo é confirmado quando o choro entra e Pixinguinha apóia a interpretação esplêndida de Benedito com contrapontos geniais.

Se o LP que deu origem ao CD é de 1966, as gravações são anteriores: vão de 46 a 50. Nelas, alguns clássicos como *Um a zero*, *Naquele tempo*, *Vou vivendo*, outras menos conhecidas como a polca *O gato e o canário*, obra-prima, de agilidade impressionante. A obra funciona como metáfora divertida da dupla. O sax, no contraponto, espera. Seu ataque tem que ser seco e preciso. O flautim brinca exuberante, cristalino, apetitoso.



Bach, Mozart e Beethoven

Um jovem estudante de piano observa que minhas preferências vão para Bach e Beethoven, mais que para Mozart. Não sei, pode ser que sim. Fiquei fã de Beethoven quando comecei a ler no piano, de modo amador, uma sonata. O compositor dá a impressão de abarcar toda a música ocidental, mais que Mozart, pela sua posição privilegiada no tempo.

Não quer dizer que lhe seja superior. Talvez não seja. Talvez ninguém seja superior a Mozart (o concerto de Nelson Freire e OSMG na semana passada, com músicas de Copland, Mozart e Grieg, foi um exemplo: o concerto mozartiano de repente cintila no espaço, com sua perfeição sonora). Ninguém, exceto Bach.

Mozart é um gênio que nos chega com facilidade. Beethoven tem que ser alcançado.

É mais difícil gostar de Beethoven, pela dureza dos acentos, pela avareza melódica (falta do dom ou escolha estética?), pela sobrecarga emotiva. Mozart parece perfeito, técnica e espiritualmente. Não é apenas brilhante, rococó, aristocrático, mas é também profundo, capaz de um discurso harmônico complexo. Luzes e sombras que encantam qualquer ouvinte. Mozart é um gênio que nos chega com facilidade.

Beethoven tem que ser alcançado.

Todo gênio parece comungar com os poderes celestes. Beethoven não. Seu gênio sugere claramente um esforço no limite do humano. Sua obra transpira essa contingência terrena. Revela, como poucas, o cerne da questão artística: trabalho e nada mais.

E Bach? O infinito Bach, o mais antigo dos três, é o santo de nossa devoção. Antes de Beethoven, já dava a impressão de ter esgotado o assunto música. Porém, do seu modo: polifônico e contrapontístico, numa perfeita tapeçaria melódico-harmônica. Arte artesã, como a música sempre foi, dotada de tal espírito que se torna um espelho capaz de refletir o passado e o futuro.